

ANJOS

anjoscom**armas**

SERGIO CAMARGO • LYGIA CLARK • MIRA SCHENDEL • HÉLIO OITICICA

UBWU 2

Quatro nomes fundamentais da arte brasileira estão nesta exposição com aproximadamente 50 obras. A mostra presta tributo à lendária galeria londrina Signals (1964-1966) – que teve um papel decisivo na divulgação internacional da arte brasileira – e a um de seus criadores, o crítico e curador britânico Guy Brett (1942-2021), um entusiasta de nossa produção artística

Na Pinakothek Cultural no Rio de Janeiro, “Anjos com armas”, exposição que reúne aproximadamente 50 obras dos artistas Sergio Camargo (1930-1990), Lygia Clark (1920-1988), Mira Schendel (1919-1988) e Hélio Oiticica (1937-1980). A curadoria é de Max Perlingeiro, diretor da Pinakothek Cultural, com a colaboração do artista Luciano Figueiredo.

A mostra é um tributo ao crítico e curador britânico Guy Brett (1942-2021), que desempenhou papel decisivo na internacionalização da arte brasileira, ao criar, junto com o artista filipino David Medalla (1942-2020), e outros amigos, a lendária galeria *Signals*, que de 1964 a 1966 exibiu a arte dos quatro artistas brasileiros celebrados nesta exposição. Dentre as obras que compõem a mostra, estão “*Bicho-Contrário II*” (1961), “*Espaço Modulado nº 4*” (1958) e “*Espaço modulado nº 8*” (1959), de Lygia Clark, e “*Relief*” (1964), de Sergio Camargo, trabalhos que estiveram originalmente na *Signals*. Em uma das paredes do espaço, está disponível uma linha do tempo da *Signals*, com fotos.

CONTRACULTURA EM LONDRES E AMOR PELA ARTE BRASILEIRA

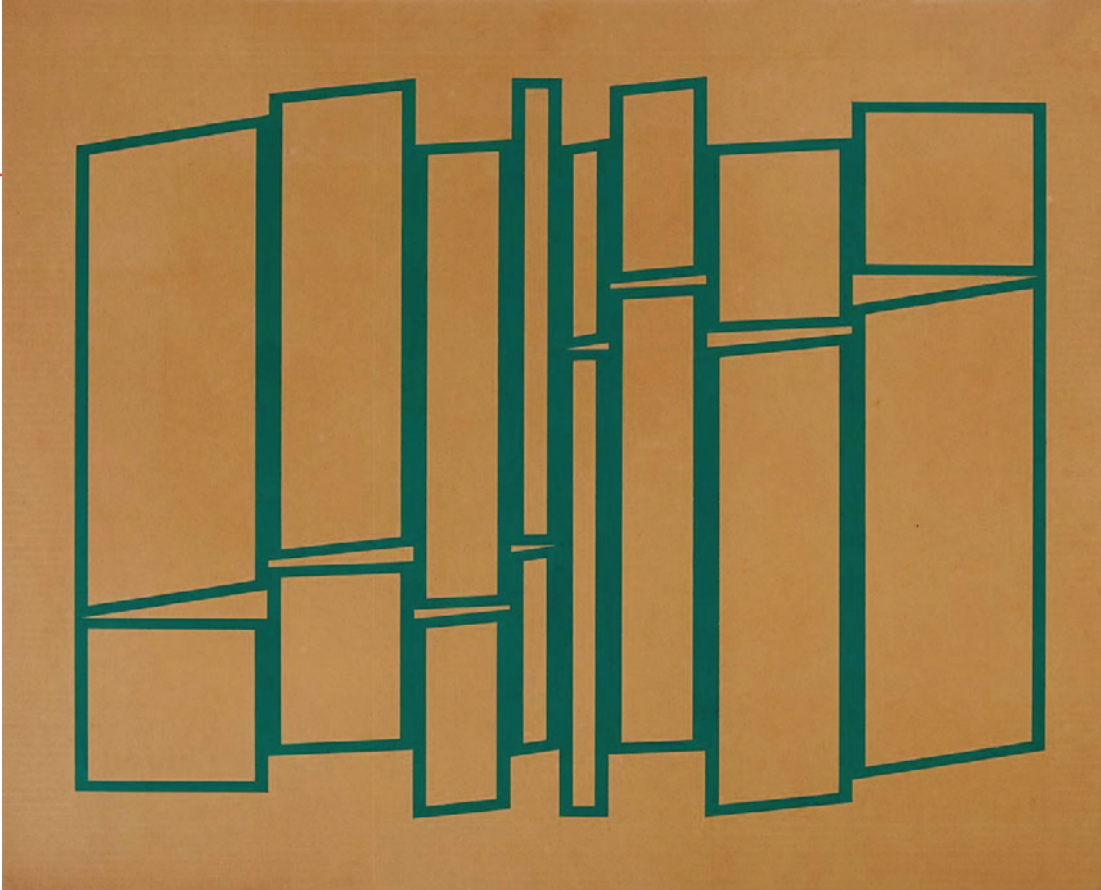
“Para a *Signals*, contracultura era tudo que saía do *mainstream*”, afirma Max Perlingeiro. Ele também



Lygia Clark, *Bicho-Contrário II*, 1961 Foto: Vicente de Mello

ressalta que “*não tinha na época nada mais fora do pensamento dominante do que a arte latino-americana na Inglaterra dos anos 1960*”.

Até o fim de sua vida, Guy Brett foi próximo dos artistas brasileiros. “*Guy Brett sempre foi a grande referência para uma melhor compreensão da produção artística no Brasil a partir dos anos 1960. Sua amizade com artistas como Sergio Camargo, Hélio Oiticica, Lygia Clark e*



Hélio Oiticica,
*Voo alto pra cima
pra dentro e pra
fora* (da série
Metaesquema),
1958

Foto: Jaime Acioli

Mira Schendel, na década de 1960, e, mais tarde, com Lygia Pape, Cildo Meireles, Antonio Manuel, Tunga, Waltercio Caldas, Regina Vater, Roberto Evangelista, Maria Thereza Alves, Jac Leirner, Ricardo Basbaum e Sonia Lins, propiciou a divulgação da produção artística brasileira através de diversos artigos e livros”, destaca o curador.

Perlingeiro conclui afirmando que o livro *“Brasil experimental-arte/vida: proposições e paradoxos”* (editora Contracapa, 2005), com textos de Guy Brett sobre esses quinze artistas citados acima, com organização e prefácio de Katia Maciel, e tradução de Renato Rezende, é “leitura obrigatória”.

DESTAQUES DA EXPOSIÇÃO

Os *Bichos*, de Lygia Clark, em alumínio: *Bicho caranguejo* (1960) e *Bicho-contrário II* (1961); o con-

junto de sete *“Metaesquemas”* de Hélio Oiticica, de 1957 a 1959; o conjunto de seis *“Relevos”* de Sergio Caramo, entre eles o *“Relevo nº 172”* (*Fenditura spazio orizzontale lungo*), de 1967; os seis trabalhos da série *“Monotipias”* dos anos 1960 de Mira Schendel, além de seu *“Caderno de artista”* (1966), o *“Diário de Londres”*, em que a artista usa, *“ao que parece, pela primeira vez, as letras decalcadas (letraset)”*, segundo afirmação de Taisa Palhares, no catálogo da exposição *“O espaço infindável de Mira Schendel”* (2015), na Galeria Frente.

Dois volumes compõem a publicação *“Anjos com Armas”*, envolvidos por uma *“luva”* – bilíngue (port/ing): o primeiro, com 132 páginas, traz na íntegra o texto de Yve-Alain Bois (quando o filósofo enviou o texto para a tradução em português, ele instigou a



Sergio Camargo, *Relevo nº 172 (Fenditura spazio orizzontale lungo)*, 1967

Foto: Ding Musa

Pinakothek a montar uma exposição com base no ensaio, que trata-se de um texto muito amoroso sobre a importância da Signals e a amizade). O volume 2, com 128 páginas, contém as imagens das obras da exposição, e fotografias de época, como as que mostram

a Signals. Os textos são de Guy Brett sobre os artistas Sergio Camargo, Lygia Clark, Mira Schendel e Hélio Oiticica, apresentação de Max Perlingeiro, e ainda um texto de Luciano Figueiredo, que em 2017 organizou, com Paulo Venâncio Filho, no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, a exposição *“Guy Brett: a proximidade crítica”*, em *“reconhecimento ao longo interesse intelectual e afetivo do crítico por nossos artistas”*, assinala Max Perlingeiro.

ANJOS COM ARMAS – O TÍTULO

O título do ensaio de Yve-Alain Bois, que dá nome à exposição – *“Anjos com Armas”* – é tema de uma longa reflexão do pensador, crítico, historiador e filósofo da arte, que prestigiou a abertura da exposição. Em seis páginas do livro, ele inicia o capítulo afirmando: *“Talvez o texto que, para mim, melhor sintetiza o tom inimitável de Guy Brett, que é também o que eu chamaria de seu método, é sua reflexão sobre as recorrentes imagens de anjos na arte latino-americana pós-conquista, em especial a profundamente perturbadora e ambígua imagem do anjo com uma arma. Bastante apropriado, portanto, que ele se perguntasse o que o atrai uma enigmática figura do anjo com uma arma (“tanto oficial e coercivo quanto não oficial e subversivo”) e ponderasse sobre sua popularidade nos Andes ao longo do século XVIII!”*.

Yve-Alain Bois destaca que *“Brett menciona sua relutância em ‘impor sua visão’, seu anseio pelo ‘apagamento de si’: ‘Sempre desejei me posicionar como um observador de mente aberta, um pouco como os aven-*

